

Paulo Futre

por Luís Aguilár

SÓCIO,
POR FAVOR,
ESTOU
CONCENTRADÍSSIMO!



«EL PORTUGUÉS»

A vida e a carreira de um dos melhores jogadores de sempre.
Os escândalos, as polémicas e os grandes momentos.



Ficha Técnica

Título: El Portugués
Autor: Paulo Futre e Luís Aguilar
Revisão: Lídia Freitas
ISBN: 9789722047654
LIVROS D'HOJE
Publicações Dom Quixote
[Uma editora do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide - Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Copyright © Paulo Futre, Luís Aguilar e Publicações Dom Quixote, 2011
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.livrosdhoje.leya.com
www.leya.pt

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, José Paulo, e à minha mãe, Maria Augusta.
Por todos os sacrifícios que fizeram por mim, por todo o amor e apoio que sempre me deram.

À Isabel, por ter estado sempre ao meu lado. Uma grande mulher, a minha melhor amiga, a mãe dos meus filhos.

Aos meus filhos, Paulinho e Fábio. Os dois maiores amores da minha vida.

Aos meus amigos:

Hélder, que já partiu mas que estará sempre no meu coração.

Ao César, por tudo o que ele sabe.

E a toda a minha família...

Sem vocês, nada valeria a pena.

Amo-vos.

Para sempre.

Da gravata para as chuteiras

*«Nasci para te amar
Com cada batida do meu coração
Sim, nasci para cuidar de ti
Todos os dias da minha vida»
Freddie Mercury, Queen*

«Tinha tantas saudades vossas. Hoje, aqui, agora, posso dizer que vocês são a melhor *afición* do mundo.» O Vicente Calderón tem lotação esgotada. Grita o meu nome. Quer ouvir o que tenho para dizer. Mas não está previsto que eu fale. Estou ali apenas para ser apresentado. O presidente, Jesus Gil y Gil, discursa. Promete êxitos para a nova época, grandes conquistas, o céu e a terra. Tudo de bom que existe no mundo do futebol será do Atlético de Madrid. Mas os adeptos *colchoneros* não querem ouvi-lo. Não querem saber.

Cantam: «Paulo, Paulo, Futre, Futre.»

E repetem ainda mais alto: «Paulo, Paulo, Futre, Futre.»

Não param. Abafam Gil y Gil. A sua boca mexe, mas já ninguém consegue escutá-lo. Ele percebe que só há uma forma de os silenciar. Chama-me ao palco para acalmar os 50 mil adeptos. Eu percebo que tenho de fazer aquilo. E são estas as minhas palavras. As minhas primeiras e únicas palavras. Falo na falta que eles fazem na minha vida. Da grande nostalgia que experimentei durante os quatro anos em que estive longe deles. Dos adeptos do

meu coração. Da minha segunda família. Foi o que senti desde o primeiro dia em que as nossas vidas se cruzaram. É o que continuo a sentir.

Seis meses antes, em dezembro de 1996, decidi abandonar a carreira de futebolista com a camisola dos ingleses do West Ham. Queria jogar, continuar, correr mais, marcar golos. Mas o meu joelho direito, após três cirurgias, apontava no sentido contrário. O momento da retirada é das decisões mais cruéis para um desportista. E não havia nada a fazer. Estava com 30 anos. Tinha chegado o momento de pendurar as botas e mudar de vida.

Vim a Portugal e marquei uma conferência de imprensa no hotel Altis, em Lisboa. De surpresa. Com todos os jornalistas à minha frente, tirei umas chuteiras debaixo da mesa e lancei uma frase que se tornou histórica. Uma frase que correu a Península Ibérica no dia seguinte. Abriu os noticiários e foi primeira página de todos os jornais. Em todos os *media* de Portugal e Espanha. «É a olhar para estas míticas chuteiras, com as quais fui campeão da Europa pelo FC Porto, em Viena, que quero anunciar-vos o fim da minha carreira de futebolista profissional.» Ninguém esperava esta notícia. Entrou pela casa das pessoas como uma bomba. Uma bomba que parecia ter morto alguém.

Centenas de pessoas ligavam-me a chorar, mandavam cartas a explicar como estavam tristes pelo meu adeus.

Dezenas de programas televisivos queriam entrevistar-me, homenagear-me, perceber os motivos da minha saída.

Decidi ir a vários. Um deles era um programa desportivo da SIC. Enquanto estou a ser entrevistado, Gil y Gil telefona e entra no ar. Fala no seu estilo inconfundível,

para o país inteiro ouvir, e faz-me um convite irrecusável: «Paulo, quero que sejas a imagem internacional do Atlético de Madrid.» Também diz que quer homenagear-me com a insígnia de ouro e brilhantes. A distinção máxima que se pode receber de um clube de futebol espanhol (e da qual falarei mais à frente).

Aceitei e comecei a trabalhar em janeiro de 1997. Era embaixador, estava sempre a viajar e representava o clube em todos os cantos do mundo. Ao mesmo tempo, aproveitei para assistir a jogos de outras equipas e observar jogadores que nos poderiam interessar. Ou seja: para além de embaixador, dava os primeiros passos como diretor desportivo (função que viria a ocupar anos mais tarde).

Dois atletas despertaram a minha atenção. O italiano Vieri (Juventus, Itália) e o brasileiro Juninho (Middlesbrough, Inglaterra), que, embora fosse muito jovem, já era internacional brasileiro. Um ponta de lança e um médio ofensivo. Jogadores de classe mundial. Consegui fazer a ponte com os empresários e levei os dois para o Atlético de Madrid. Foram as minhas primeiras contratações, numa altura em que essa nem sequer era a minha função.

Os dias passavam e eu sentia-me cada vez mais confortável neste papel de representante do clube. Começava a esquecer-me do fim da minha carreira e a abraçar esta nova vida. Dentro do futebol, mas fora do relvado.

Em abril, fui assistir a mais um treino da equipa, como fazia normalmente quando não andava em viagens ao serviço do clube. Estava a fumar dois maços de tabaco por dia e não jogava desde dezembro (quando abandonei o

West Ham). Não jogava mesmo. E não fazia qualquer tipo de desporto Durante todos esses meses, nem sequer tinha dado uns toques numa partida de amigos. Nada.

Sento-me no banco e preparo-me para ver o jogo de treino entre o plantel. O treinador é o sérvio Radomir Antic. Anda ali no relvado, conta os jogadores, olha à volta e dirige-se a mim. Parece que falta um. Pergunta-me se eu posso entrar e respondo imediatamente que não: «*Mister*, está louco? Farto-me de fumar e o meu joelho não está em condições. Ainda me dá alguma coisa.» Ele insiste: «Vá lá, Português. Falta-nos um para o jogo e se peço agora para vir um jogador da equipa B, ou dos juniores, pode demorar mais de uma hora. Entras aí só para fazer número.» (A minha alcunha em Espanha sempre foi «El Portugués». Ainda hoje, todas as pessoas do futebol espanhol me tratam assim.)

Volto a dizer que não consigo. Ele insiste mais um bocadinho e acabo por ceder.

Desço ao balneário e dispo o fato e a gravata para voltar a ter calções e chuteiras. Uma sensação muito especial.

O treino realiza-se à porta aberta no Vicente Calderón. Está lá toda a imprensa, acompanhada por muitos sócios na bancada. Começa o jogo entre a equipa titular e os suplentes. Eu estou no lado dos suplentes.

11 contra 11.

Que saudades.

A bola a rolar.

O jogo aquece. Fica mais sério. Continua a aquecer. O ritmo está bem alto para um treino (e ainda mais para mim). Com muito espírito de competição. Mas há coisas que nunca se esquecem.

O tempo pode passar, os cigarros podem acumular, o físico pode ir perdendo pujança, mas o talento está lá.

Parto aquilo tudo. Faço um jogão, marco dois golos nos primeiros vinte minutos e os titulares perdem contra os suplentes.

Quando acaba, toda a gente está a aplaudir-me. Adeptos, jornalistas e jogadores. Penso: «Meu Deus, o que é isto? O que se está a passar aqui?»

Julgava que estava bem pior e fiquei surpreendido com o que ainda consegui dar, mas mal podia respirar. O joelhinho também começou a doer assim que desci ao balneário.

Estava completamente de rastos quando o Antic veio ter comigo para me fazer um convite totalmente inesperado: «Português, tens de voltar a jogar.» Fiquei incrédulo: «Voltar a jogar? *Mister*, com todo o respeito, está maluco? Passou-se de vez? Amanhã nem sequer vou poder andar, o joelho já me está a doer, e você quer que eu volte a jogar?» Mas para ele era igual: «Tu viste o que fizeste? Estes gajos estão a treinar todos os dias, têm ritmo de competição, são mais novos do que tu e deste cabo deles. Estás coxo e rebentaste com aquilo tudo. Imagina se estivesses a treinar. Tens 31 anos. Ainda podes dar muito ao futebol.» E ele não era o único a pensar desta forma.

Assim que saí dali, recebo uma chamada de Gil y Gil. «Paulo, estás na imprensa toda. Montaste aí um grande circo. Está todo o mundo louco por causa de ti. A imprensa não para de ligar-me. Que espetáculo. O *mister* está doido. Não tens outra hipótese a não ser voltar a jogar. Tens de voltar. Tem de ser.»

No dia seguinte, as primeiras páginas dos jornais desportivos espanhóis faziam uma manchete bastante elucidativa do que se tinha passado: «Ontem, o espetáculo voltou ao Vincente Calderón.» E uma enorme fotografia minha a acompanhar.

Toda a gente estava com a mesma conversa e comecei realmente a acreditar que era possível. Fiz alguns testes, fui aos melhores médicos e especialistas do tendão rotuliano, e passei a levar infiltrações de produtos naturais no joelho. Todos os dias. Em simultâneo, comecei a treinar sozinho e a aumentar o ritmo de trabalho gradualmente. Aos poucos, voltei a sentir-me como um jogador de futebol. Poderia regressar, entrar num relvado e fazer aquilo que mais prazer me dava.

Em junho, uma semana antes de começar a pré-temporada, anunciei (juntamente com Gil y Gil), que ia voltar a jogar com a camisola do Atlético de Madrid. Uma notícia explosiva. Os adeptos ficaram em delírio.

Mas o mais engraçado disto tudo foi entrar no balneário como jogador. Sem o fato, sem a gravata. Com as calças de ganga. Para me equipar ao lado do resto da equipa. Os outros olharam e nem queriam acreditar. Especialmente o Vieri e o Juninho (os dois que eu tinha contratado). Conhecia o salário deles, os valores das contratações, as cláusulas de rescisão, tudo o que havia para saber. Eles observavam-me e olhavam uns para os outros. Com aquela expressão na cara de todos: «Não é possível. Então, agora este gajo é nosso colega?» Deu-me vontade de rir. Mas era verdade. Agora eu era colega deles. Mais um para ajudar a equipa. Costuma ser ao contrário – o jogador que termina a carreira e aparece um tempo depois, ou na temporada seguinte, como dirigente ou treinador. Mas não me lembro de ver mais alguém sair diretamente da gravata para as chuteiras.

Segui para a pré-temporada e sentia-me bem, embora o físico já não fosse o mesmo. De vez em quando, o joelho também se queixava. Mas quem corre por gosto...

Estamos nas montanhas de Segovia, em Los Angeles de San Rafael. (Gil y Gil era proprietário de um centro de estágio nesta zona. O mesmo local onde ainda hoje o Atleti faz as suas pré-temporadas.) Os primeiros quinze dias são ocupados com treinos duríssimos, em sessões bidiárias. À medida que o tempo passa, noto que o joelho corresponde a todo este esforço e começo a sentir-me próximo da perfeição.

Arrancámos dali para realizar um encontro particular em Marbella. Contra o Valladolid. Sou titular. Que espetáculo. Nem quero acreditar quando oiço o meu nome no «onze» titular.

No final do jogo, o Antic diz que ninguém pode abandonar o hotel onde estamos instalados. Mais: recolher obrigatório às 23 horas. Porque, no dia seguinte, voltamos à montanha para continuar o trabalho físico de pré-temporada.

Agora vejam: antes do jogo, estivemos fechados quinze dias na montanha. A correr que nem animais. O pessoal queria sair. Descontrair um bocadinho e beber um copo. Até às duas, três da manhã. É o que se costuma fazer depois dos jogos. E aquela regra era demasiado dura para ser seguida à letra. Resultado: toda a gente se pirou e eu também me pirei. Uns para bares, outros para discotecas. Diferentes destinos, mas a mesma vontade de passar a noite de forma descontraída.

No dia seguinte, abandonámos o hotel bem cedo. Por volta das seis da manhã. Já estávamos dentro do autocarro quando o treinador entrou. Olhou para toda a gente e apontou para quatro jogadores: Lardín (que tinha custado quase 12 milhões de euros um mês antes e era a contratação-estrela, juntamente com Vieiri e Juninho), Roberto Frenedoso, Ricardo e Ezquerro. «Vocês vão para

equipa B. Comigo aqui, não jogam mais.» Ficámos todos boquiabertos. E porquê aqueles, se todos saíram? Porque o Antic tinha recebido um telefonema de um amigo que era dono de uma discoteca e que lhe dissera ter visto estes jogadores em grande festa, pela noite fora. Ficou possesso.

Deixei as águas acalmarem e fui falar com ele para o tentar demover. Resposta: «Não admito esta merda, não pode ser. Eles estão fora.» Insisti: «Não foram só eles. Eu também saí. Estive até às três da manhã a beber copos. Estivemos todos. Vai mandar-nos todos para a equipa B? Não vale a pena. Ponha-nos a correr, umas tarefas físicas. Umas multas, que seja. Mas não faça isto. Mandar jogadores para a equipa B vai ser um escândalo completamente desnecessário. Está tudo calmo, a pré-época está a correr bem e isto vai ser uma bomba mundial.»

Em condições normais não são muitos os jogadores que podem dirigir-se ao treinador desta forma, nem tão-pouco os treinadores que ficam ali a ouvir. Mas eu era dos mais experientes e, meses antes, estava no clube como dirigente. Não gosto de dizer que tinha outro estatuto, mas tinha mais à-vontade para poder falar com ele de uma forma tão aberta.

No entanto, não serviu de nada. A decisão era inalterável. Ele repetiu: «Comigo, não jogam mais.» Vira o disco e toca o mesmo. Não saía dali. E quando não dá por um lado, temos de ir pelo outro. Senti que precisava de tentar tudo para inverter aquele desastre.

Chegamos ao aeroporto, vamos para o avião e eu sento-me nos últimos lugares. Assim que aterramos em Madrid, ligo para Miguel Ángel (o filho de Gil y Gil e diretor geral do clube). Explico-lhe a situação e as eventuais

repercussões: «Toda a gente saiu à noite, não deixes que isto aconteça. Vai destruir a equipa toda.»

Fui a falar com ele desde o avião até ao autocarro que nos esperava. Um autocarro para nos levar de regresso à montanha e onde os quatro jogadores já nem poderiam viajar. Estavam completamente excluídos do plantel.

Ainda antes de entrarmos, chamei o Antic: «*Mister*, tenho aqui ao telefone o Miguel Ángel. Quer falar consigo.» Ele acalmou-se. Falaram os dois e ficou decidido que os outros jogadores continuavam no plantel. Por causa de mim. Depois de eu ter passado por cima da autoridade do treinador. A partir daí, o Antic nunca mais me perdoou. Estive lá mais sete meses. A lidar com ele todos os dias. Mas a relação tornou-se fria, distante. Não voltou a ser igual depois da minha intervenção. E ele acabou por cortar a vontade que eu tinha de jogar. Dava-me dez ou quinze minutos e deixava-me de fora mais quatro ou cinco jogos. Mas não me arrependo. Voltava a fazer exatamente a mesma coisa. Tentei acalmar a situação e evitar um escândalo mundial. Fiz o melhor pelo grupo. Ele tomou aquela decisão a quente. Se a sua ideia fosse para a frente, iria minar o resto da época. E paguei a fatura por salvar os jogadores visados e todo o grupo. O mesmo homem que, meses antes, me deu oportunidade de regressar, começou a tirar-me motivação. Uma vez cheguei mesmo a falar com ele para esclarecer uma dúvida que eu tinha: «Quando disse para eu voltar, estava a ser sincero ou queria que eu fosse o seu bufo dentro do balneário?» Respondeu em jeito de quem chuta para canto: «Não é nada disso. Acho apenas que ainda te falta um bocadinho de ritmo.» Perguntei-lhe como é que ele queria que eu tivesse ritmo se jogava uma vez por acaso e sempre pouco mais de dez minutos. A conversa ficou por

ali. Mas não há dúvida que a diferença de tratamento dele em relação a mim foi toda gerada por aquele episódio passado em Marbella. A partir desse momento, começou a roubar-me moral.

Uma moral que estava em alta duas semanas antes deste acontecimento, quando a equipa foi apresentada aos sócios no nosso estádio. Um estádio completamente lotado que começou a gritar o meu nome quando Gil y Gil discursava.

«Paulo, Paulo, Futre, Futre.» O grito de guerra que os adeptos *colchoner* sempre me dedicaram, baseado numa adaptação de «We Will Rock You», tema dos Queen. A minha banda preferida.

É nesse momento que agarro o microfone e falo como jogador do Atlético de Madrid. Uma vez mais. Estou no meio do estádio, num palco erguido para a apresentação aos sócios do plantel da nova época. Todas as equipas pisam o relvado. Das escolas aos seniores. Os jogadores do plantel principal entram um a um, enquanto são anunciados pelo *speaker*, numa cerimónia onde apenas o presidente, o treinador e o capitão de equipa devem fazer uso da palavra.

Fui capitão muitos anos durante a minha primeira passagem pelo clube. Nesta altura, porém, a braçadeira já não estava comigo. O número 10 também não. Agora era o 12. O número da *afición colchonera*. Mas os adeptos sentiam que eu continuava a ser o grande símbolo daquele clube. E não me deram alternativa.

Falei.

Com a voz emocionada e as lágrimas nos olhos. Perante 50 mil adeptos.

Falei.

Numa noite que simboliza o meu regresso inesperado, durante uma vida recheada de episódios inesperados.

Desde o primeiro dia em que decidi começar a jogar futebol.

Desde criança.

Identidade falsa

Rogério Paulo Viegas Alves. Nunca mais vou esquecer este nome. O nome completo que tive de fixar para poder começar a jogar à bola. A identidade falsa que usei para poder entrar num torneio de futebol 11 organizado pelo Sporting. E porquê? Porque era demasiado novo. Tinha apenas 9 anos quando estive envolvido no primeiro acontecimento insólito da minha carreira.

O Sporting organizava anualmente um torneio de âmbito nacional chamado «Onda Verde». As equipas podiam inscrever-se em grande parte das cidades e vilas de Portugal. Dos 10 aos 13 anos. Uma competição preparada por Aurélio Pereira. O maior génio da formação em Portugal e um dos melhores do mundo. Foi ele que descobriu todos os grandes craques que passaram pelo Sporting. Eu fui o primeiro. Seguiram-se Figo, Simão, Cristiano Ronaldo, entre muitos outros. E este torneio servia, precisamente, para essa prospeção nacional.

Primeiro, as equipas disputavam a competição local. De seguida, os vencedores encontravam-se a nível distrital. Por último, os melhores de cada distrito faziam várias eliminatórias até que as duas equipas vencedoras chegavam à final, marcada para o Estádio José de Alvalade. O grande prémio para todos nós. Jogar nesse recinto, pisar aquele relvado... Era o mais saboroso dos sonhos para cada um dos participantes. Uma

oportunidade preciosa para os miúdos que gostassem de jogar futebol e quisessem mostrar o seu valor aos responsáveis de um dos maiores clubes do país.

Nós, no Montijo, organizámos uma equipa. O Cancela. Éramos treinados pelo meu pai. E estávamos muito entusiasmados. Mas eu tinha apenas 9 anos. Ou seja: faltava-me ainda um ano para poder participar. Não tinha idade para ser inscrito. Mas tinha de jogar. De qualquer maneira. E encontrámos uma solução... ilegal.

Inscrevi-me com o BI do Ginja, um ano mais velho do que eu, e tive de decorar o seu nome completo, a morada (essa parte era fácil porque eu vivia na porta 14 e ele, logo a seguir, na 16) o nome dos pais, tudo. A partir daquele momento, fui obrigado a transformar-me no Rogério Paulo Viegas Alves, caso a organização me perguntasse alguma coisa. Até nisso, comecei de forma diferente. Os grandes escândalos do futebol de formação estão sempre ligados a atletas demasiado velhos para jogar em determinados escalões. Comigo não foi assim. Tive de assumir a identidade de um rapaz mais velho para poder dar uns toques na bola.

O torneio começou, fomos ganhando e passámos as eliminatórias todas até à final. Foi a primeira vez que entrei no estádio do Sporting. E logo com o nome de Rogério Paulo Viegas Alves. O derradeiro jogo foi frente a uma equipa da casa: os Leãozinhos. Empatámos a zero, fomos a prolongamento e ganhámos nos penáltis. Uma equipa chamada Cancela, feita por rapazinhos do Montijo, ganhou o torneio nacional do Sporting. «Limpámos» toda a gente. E eu dei nas vistas. De tal forma que, no final, o Aurélio Pereira tentou vir falar comigo porque estava interessado em saber mais informações. «Onde é que está o Rogério Paulo Viegas Alves?» E eu, ala. Fujo dali para

fora. O Rogério estava no Montijo, com a alcunha de Ginja, e era dos piores a jogar à bola. Ali estava apenas o Paulo Jorge dos Santos Futre, que entrou no torneio ilegalmente, com o BI de outro rapaz. Um miudinho de 9 anos que ganhou o torneio do Sporting com uma identificação que não era a sua. Resumo: o meu primeiro contacto com o futebol foi contra as regras. Logo para pontapé de saída. Parecia um prenúncio de todas as situações hilariantes que passei ao longo da vida. Mas tive de dar à sola para que a ilegalidade não fosse descoberta.

Dessa nossa equipa do Cancela, o Alan e o Júlio (dois dos meus amigos de infância) ficaram no Sporting. Eram mais velhos do que eu, tinham idade para participar no torneio e seguiram para o clube. Eu tive de esperar mais uns tempos.

No ano seguinte, o Sporting volta a organizar o mesmo torneio. Aí já entrei com o meu nome. Tinha 10 anos. Voltei a estar em bom nível e chegámos novamente à final no Estádio de Alvalade (desta vez perdemos por 1-0 com o Liceu de Camões). O Aurélio Pereira contactou o meu pai e disse-lhe que me queria levar para o Sporting. Mas o meu pai não autorizou por causa da minha idade. Ainda era demasiado novo para começar a viajar todos os dias para Lisboa. Era lixado. Uma situação difícil em tempos muito complicados. Fiquei triste, claro. Muito triste. Mas compreendi a posição do meu pai. Naquele tempo não havia autocarros do clube para transportar as crianças aos treinos e a casa. E eram poucas as famílias que tinham condições financeiras para poderem levar os próprios filhos. Os meus pais não podiam fazê-lo. Os transportes públicos eram a única solução e a verdade é que eu tinha apenas 10 anos.

Ainda não foi dessa vez. Gorou-se a segunda tentativa de eu poder jogar de leão ao peito. Mas continuei a minha vidinha. Na escola, com pouca vontade. No futebol, a toda a hora e todos os dias, com enorme paixão. O meu pai sabia disso e nunca me matou esse sonho. Antes pelo contrário. Manteve-se atento a soluções que pudessem ser boas para mim. E uma delas estava prestes a aparecer. Pela primeira vez no país.

A televisão e os jornais começaram a anunciar que Portugal iria fazer uma seleção de sub-11 para jogar em Rocheville (França) num torneio internacional. Nunca tinha sido organizado um torneio destes para miúdos tão novos e haveria vários testes de forma a apurar os melhores do país. Uma seleção final de dezasseis jogadores. Começaria na terra de cada um, depois no distrito, por aí fora, até se chegar ao grupo final. O meu pai viu o anúncio e inscreveu-me no Montijo. A organização estava a cargo da Direção Geral de Desportos.

As captações eram sempre ao fim de semana. Começavam à sexta à noite e acabavam ao domingo. O domingo à noite era o momento de todos os nervos porque saía a lista com os nomes daqueles que tinham conseguido passar à fase seguinte. José Rachão era o treinador responsável pela área do Montijo e a pessoa que nós tínhamos de convencer (transformou-se num treinador com alguma história no futebol português, depois de uma carreira mediana como futebolista). No primeiro treino estavam duzentos ou trezentos miúdos. O apuramento durou três fins de semana. Passei sempre. Eu e o Barata. Um grande jogador. Esquerdino, como eu. Muito bom no futsal, mas um pouco mais lento no futebol 11. Fomos os únicos do Montijo a passar à fase seguinte, disputada em

Setúbal. Aí já seríamos observados por treinadores de todo o lado. Juntamente com mais de quinhentos miúdos. A dificuldade aumentava num processo que iria durar entre sete a oito fins de semana. Tínhamos de dormir em Setúbal.

Continuei a chegar aos domingos à noite em pulgas e sempre a ver o meu nome na lista dos melhores. Sempre a jogar, sempre a passar, até que fiquei no lote dos vinte escolhidos do distrito. Fomos todos para o Estádio do Jamor, para iniciar a última fase da seleção, onde estavam miúdos de Portugal inteiro. Mais de quinhentos. Repito: para escolher apenas dezasseis.

Do Montijo para Lisboa, ia sempre de barco. Foi das primeiras vezes que andei de barco sozinho. Também foi a primeira vez que vi o Estádio Nacional. Ficámos todos no centro de estágio da Cruz Quebrada. Novamente uma pressão avassaladora. Todos os domingos à noite, ficávamos à espera da lista para ver se estava lá o nosso nome. E o meu continuava a aparecer. (Nessa altura já éramos observados pelo professor Rui Silva e pelo João Barnabé, os treinadores principais.)

Passo sempre até ficar nos dezasseis finais. Sou capitão de equipa. É a primeira vez que ando de avião, sou considerado o melhor jogador do torneio, vamos à final e perdemos com a França (a seleção anfitriã). Quando regresso a Lisboa, o Aurélio Pereira está à minha espera no aeroporto. Desta vez o meu pai já não consegue resistir e sou contratado para o Sporting. É nesse momento que começa a minha vida louca como futebolista.

Depois de entrar no meu primeiro torneio com o BI de outra pessoa, depois do meu pai ter rejeitado o primeiro convite do Sporting, depois de passar mais de seis meses em testes de captação que começaram na minha terra

Natal, acabaram no Jamor e levaram-me a França, onde fiz parte de um lote final de dezasseis rapazes entre largos milhares de futebolistas do país inteiro. Imaginem o que isto é. A pressão que um miúdo, uma criança, sofre para passar todos estes testes. Mas é assim que se formam os campeões e se separam os verdadeiramente bons, os lutadores e os vencedores, de todos os outros. Daqueles que até podem ter talento, mas que não têm a fibra necessária para seguir em frente. Eu sempre tive essa força dentro de mim. Sempre entrei em campo para jogar futebol como se o mundo fosse acabar após o apito final e aquele jogo fosse a última oportunidade que tinha para impedir uma catástrofe.

Recordo-me da primeira vez que entrei no Sporting. Os miúdos são muito cruéis. Estou ali apenas com 11 anos, recém-chegado, e ninguém fala comigo. Ninguém faz um esforço para me integrar. Nada. Vamos para um torneio em Alverca. O meu primeiro dia. Ainda nem sequer tinha treinado. Vou no autocarro caladinho. Não conheço ninguém. Os outros todos a falarem uns com os outros. A equipa do Sporting. Já se conhecem, são amigos. Mas eu não, sou o forasteiro. É assim que entro no campo. Como caloiro.

No meu primeiro dia, no meu primeiro jogo, num sábado. Marco sete golos. Sete golinhos para que os outros vejam bem quem é aquele menino que ali está. Na viagem de regresso a Lisboa já sou o maior. Todos falam comigo. Todos me lambem os «tomates». Entre aspas (novamente). Basta um jogo para passar de desconhecido a rei do balneário. Sou o novo líder.

O torneio prossegue, marco mais golos, vencemos a competição e ganho os prémios de melhor marcador e

melhor jogador.

A partir desse momento, começa a evolução natural no Sporting. No início foi muito difícil. Demorava entre duas horas e meia a três horas para chegar a Alvalade e o mesmo tempo para regressar ao Montijo. A escola começou a ficar para trás. Se a minha vontade já não era muita, pior ficou com o desejo que não me largava de jogar futebol e a distância enorme que, nesse tempo, separava Lisboa da margem sul. Saía do Montijo no barco das 15h30 para treinar às 18h30. Depois, arrancava de Lisboa no barco das 22h (o último) e chegava a casa às 23h30. Havia dias em que perdia o último barco para o Montijo e tinha de ir pelo Barreiro. Chegava a casa por volta das duas da manhã.

Em transportes.

Sozinho.

Era do pior.

E quantas vezes os barcos não podiam sair por causa do temporal. Nesses dias, tinha de dormir na estação, em cima das cadeiras, e esperar pelo primeiro barco da manhã para ir direto à escola. Mas à tarde tinha de voltar a Lisboa para mais um treino. Muitas vezes o temporal era tão forte que eu chegava a pensar que o barco ia afundar-se. Apanhei sustos incríveis. E quando comecei a ganhar dinheiro, jurei que nunca mais voltaria a andar de barco na vida. Nem de iate. Nada. Prefiro estar em terra.

Esta era a minha vida. Passada numa azáfama feroz entre o Montijo e Lisboa. Tinha pouco tempo para conviver com a família e com os amigos. Por isso, sempre que podia estar com eles, aproveitava ao máximo cada oportunidade. Uma delas estava também relacionada com a paixão pela bola.

Todos os anos, no Montijo, havia um grande torneio de futebol de salão dos 13 aos 15 anos. No pavilhão da vila (tornou-se cidade apenas em 1985). Era uma loucura. Um dos grandes momentos do ano para as gentes da terra. As equipas inscritas estavam quase sempre relacionadas com os estabelecimentos comerciais. O café deste, a pastelaria daquele, o restaurante Gonçalves, etc. Os restaurantes tinham as grandes equipas. Davam os equipamentos, os ténis e as refeições durante o torneio. Muitas vezes, antes e depois dos jogos. Para quase todos os miúdos, essas refeições significavam um autêntico luxo. E eu não era exceção. Estamos a falar de uma época em que muitas famílias portuguesas (a maioria) tinham dificuldades até para comer (a minha era uma delas).

Essas grandes equipas convidavam-me sempre. Era assediado por todos os lados e houve um ano em que ainda não tinha decidido qual o conjunto que iria representar. Nessa altura estava com 14 anos e o Sporting ainda me deixava participar nestes torneios. Só fui impedido mais tarde (para evitar lesões). Mas apesar de jogar no Sporting, e de ter jogos a sério todos os fins de semana, este torneio significava muito para mim. Nunca me senti de outra galáxia por estar no Sporting. Tudo aquilo que eu considerava importante antes da ida para Lisboa, continuou a sê-lo depois de vestir a camisola verde e branca. Incluindo a terra onde nasci e os amigos de sempre. E aquele torneio era o sonho de todos os meus amigos íntimos. Só mesmo ali teriam a hipótese de brilhar alguns minutos. Como não jogavam nada, nunca nenhum clube os iria convidar. Nunca iriam ser jogadores de futebol, como eu. Este torneio era a única hipótese de se poderem mostrar perante um pavilhão cheio.

E quem eram os meus amigos infância? O Pato, o Ginja (o tal que me emprestou a sua identidade, quando eu tinha apenas 9 anos, para poder jogar no torneio do Sporting), o Zé Goelas, o Carraças e mais algumas personagens que paravam sempre na Praça da República (centro do Montijo). Nunca ninguém tinha jogado futebol. Não jogavam mesmo nada. Foi então que se fez luz na minha cabeça. A Calçada – um bairro mítico do Montijo – não entrava no torneio e tinha os equipamentos prontos a utilizar. Iríamos pedir os equipamentos emprestados, fazer uma equipa e entrar no torneio. Eu seria treinador, capitão e jogador. O único que percebia alguma coisa daquilo.

Preferi deixar de comer uns bons bifes com batatas fritas e fazer uma equipa com os meus amigos, em vez de representar um dos conjuntos associados aos restaurantes ou aos cafés. Assim, com uma equipa de coxos, era mesmo para a palhaçada. Eles ficaram todos contentes. Seria o grande momento de glória das suas vidas. E eu sentia-me feliz por poder proporcionar-lhes essa alegria. O Pato ofereceu-se para guarda-redes, mas não podia jogar como titular. Seria um desastre absoluto. Queria divertir-me, mas gostava de ganhar e havia coisas que não podiam acontecer. O restante conjunto era composto pelos outros bandidos lá da rua. Os putos da rua, na verdadeira aceção da palavra. Aqueles de quem os betinhos e os miúdos ricos fugiam com medo de levarem pancada. Só malucos.

Num dos jogos, estávamos perante o pavilhão cheio. A ganhar. O Pato no banco, fulo da vida, queria jogar à força e ameaçou bater-me se eu não o deixasse entrar. Começou aos gritos. A armar uma barraca tremenda, com o pavilhão da terra a abarrotar. Os outros tiveram de agarrá-lo para ele não me bater. Eu respondi: «Calma,

Pato. Vão jogar todos.» Mas todos, todinhos, também não dava. Cada vez que ele ia para a baliza, dava frangos de outro mundo. Bolas que iam à trave, batiam na cabeça dele e entravam. Saídas em falso, golos por baixo das pernas. Coisas mirabolantes. Eu tinha de escolher os menos maus para podermos ganhar o jogo. A tática era simples. Não tinha mesmo nada que enganar: os outros todos à defesa e eu sozinho na frente.

Este filme de comédia desenrolava-se com os treinos do Sporting pelo meio. Assim que acabavam, ia a correr até chegar ao barco de regresso ao Montijo e saltava já com o barco em andamento. Tinha aquilo mais ou menos controlado, mas, mesmo assim, estive perto de cair ao rio umas quantas vezes... E apenas para estar no Montijo a tempo dos jogos do torneio. O meu aquecimento começava assim que o barco atracava: desatava a correr até entrar no pavilhão. Chegava, equipava-me e escolhia a equipa. Ganhámos sempre.

Um dia, entro em casa depois de passarmos aos quartos de final, e o meu pai diz-me que será ele o treinador no próximo jogo. «Para evitar mais confusões.»

Os nossos suplentes paravam os jogos todos para tentarem bater nos titulares que não queriam sair (incluindo eu próprio que, supostamente, era o mandachuva da equipa). Atitudes compreensíveis. Éramos chavalos e queríamos todos jogar. Ninguém gosta de ficar de fora. Sobretudo o Pato. Imaginem um puto que andava sempre com uma fita na cabeça à John McEnroe. Tinha a mania que era jogador de ténis. Ia para a escola com a fita e com uma raqueta. Andava assim em todo o lado. Mas era apenas para o estilo. Acho que nunca jogou ténis na vida. Era uma peça inigualável. Roubava revistas *Playboy*

dos quiosques e podem imaginar o que fazia a seguir. Um louco.

Transportava toda essa irreverência para o pavilhão e armava verdadeiros escândalos à frente das pessoas da terra. Ainda para mais numa terra pequena onde todos se conheciam.

O meu pai estava farto de passar vergonhas por nossa causa e resolveu tomar conta da equipa. As confusões acabaram nesse momento. Todos lhe tinham muito respeitinho. Nessa altura, passámos a ganhar por futebol, pela nova organização e pelo mau cheiro. Porque nenhum de nós lavava as camisolas. Os jogos acabavam, despíamo-nos, dávamos os equipamentos ao senhor Coelho – um dos responsáveis pela Calçada –, e depois eram-nos entregues novamente antes dos jogos. Mas sempre sem serem lavados. Nunca mais me esqueço: camisola amarela e calções azuis. Tresandava a suor.

E entre o mau cheiro, os golos marcados, e a disciplina imposta pelo meu pai, chegámos à final. Uma equipa de amadores. Tirando eu, os outros eram muito fraquinhos quando comparados com os jogadores das restantes equipas. Entrámos ali só para a palhaçada. Mas a verdade é que chegámos lá.

Final: domingo de manhã, frente à equipa de um restaurante do Montijo.

Problema: jogo pelo Sporting na mesma manhã.

Peço ao meu pai: «Por favor, não me faças isto. Quero jogar a final do torneio. Não posso abandonar a equipa.»

Vejam bem a minha cabeça. Tinha jogo pelo Sporting, mas só estava preocupado com a equipa dos meus amigos. Porque no Sporting, mesmo sem mim, havia muita qualidade e eu não era imprescindível para esse jogo. Ia ser frente a uma equipa muito acessível. Não seria o